

Doutoramento Honoris Causa

Universidade do Algarve

António Sampaio da Nóvoa

7 de Maio de 2015

Este é um dia muito especial para mim, sem dúvida um dos mais importantes da minha vida académica. Porque nada nos distingue mais do que a distinção que os outros nos concedem. É uma honra imensa aceitar o vosso convite para me juntar à Universidade do Algarve e, assim, assumir, convosco, novos compromissos e novas responsabilidades.

Como é que se agradece num dia como este? O que é que se diz? Onde se procuram as palavras?

É raro, raríssimo, deixar-me tentar por gestos mais íntimos ou privados. Há coisas que são nossas, e nossas deveriam permanecer. Mas nem sempre é possível. As emoções mexem na razão e as palavras soltam-se do dicionário.

Quero agradecer a presença do meu pai, que me ensinou a vida e esteve sempre ao meu lado, próximo e longe, na justa medida, do apoio e da liberdade. Com ele, comigo, está também a minha mãe, estará sempre.

Quero agradecer a presença de muitas personalidades, de muitos amigos, de várias vidas, de vários lugares, de todas as pessoas que quiseram associar-se a este acto. É uma honra, para mim, que estejam aqui hoje comigo. Muito e muito obrigado.

Quero deixar uma palavra muito especial ao António Cruz Serra, Reitor da minha Universidade, amigo de um caminho comum, feito de confiança na capacidade para irmos mais longe, para não nos resignarmos aos mesmos destinos de sempre.

O que dizer depois de ouvir o Prof. José Barata-Moura? Como se agradece o que não tem agradecimento? Como se reage perante alguém que nos reconduz, sempre, às questões essenciais, que nos abre ao pensamento que é razão e emoção?

O Prof. José Barata-Moura é o grande responsável por tudo o que me tem acontecido na vida nos últimos treze anos. Estava eu, sossegado, em Nova Iorque, quando recebi um telefonema-convite para integrar a sua equipa de vice-reitores. Na altura, respondi “sim”, sem saber muito bem o que estava a responder. Mas, hoje, já sei e sei como foi decisivo, para mim, conhecer a pessoa e o Reitor Barata-Moura, e como me abriu um mundo de coisas inimagináveis, que duram, que duram até hoje, que durarão para sempre.

Ao António Branco, Reitor da Universidade do Algarve, fico a dever um gesto único. Conheço bem os meios académicos, e sei como é difícil distinguir alguém que, ainda há pouco, era Reitor de outra universidade. Na nossa época, de uma competição levada ao extremo, é sempre mais fácil elogiar quem está distante (num outro país, num outro planeta) do que assumir compromissos com quem está próximo, com quem habita connosco um mesmo espaço e um mesmo tempo.

Para além do meu profundo reconhecimento pessoal, quero manifestar ao Reitor António Branco e à Universidade do Algarve a minha admiração por este gesto, que nos convida, a todos, a parar, nem que seja apenas por um instante, para repensar grande parte das linguagens e das práticas que têm invadido o mundo universitário: o apelo a uma competição permanente, a *rankings* tantas vezes perversos, a uma vida académica dominada por métricas absurdas de avaliação dos professores e dos investigadores, e por aí adiante.

É urgente reencontrar um sentido para o trabalho universitário, e só o conseguiremos se tivermos a ousadia de percorrer outros caminhos e de afirmar as nossas instituições a partir *de dentro*, da procura da nossa própria identidade, sem andarmos sempre a correr atrás de lógicas e de critérios que nos impõem *de fora*.

No agradecimento ao Reitor António Branco, e aos dois colegas que elaboraram a proposta inicial de atribuição do título de *Doutor Honoris Causa*, Professores Saul Neves de Jesus e Fernando Gonçalves, quero deixar o meu reconhecimento ao conjunto da Universidade do Algarve (aos seus professores e investigadores, aos seus estudantes, aos seus funcionários) e dizer-vos que é uma honra pertencer, a partir de agora, a esta Universidade e assumir, solenemente, perante vós, a obrigação de tudo fazer para estar à altura da honra que agora me concedem.

* * *

De acordo com a tradição, este meu agradecimento deve ser breve e conter referências à minha própria vida. Vou tentar fazê-lo através de três palavras – liberdade, conhecimento e compromisso – que marcam o meu percurso como professor, como universitário e como reitor.

Liberdade

Há muitas maneiras de falar da liberdade, da *educação como prática da liberdade*, para recorrer ao título de uma obra de Paulo Freire, também Doutor Honoris Causa por esta Universidade.

E, de todas estas maneiras, talvez a melhor seja o testemunho de uma jovem, que dialoga com as palavras hoje proferidas pelo Reitor António Branco. Depois de uma palestra, esta jovem levanta-se e diz:

“Eu sou de Souto Soares, um município que faz parte do Território da Chapada. Estudei como aluna nas escolas públicas rurais e estou aqui na Universidade Federal da Bahia. Você precisa saber que aprender a Ler e a Escrever com profundidade é muito mais do que ter oportunidades, é a própria liberdade”.

Em tudo, tenho pautado o meu trabalho como professor pela procura de uma liberdade que não existe sem igualdade, sem diversidade, sem aprendizagem. Já não nos basta uma “escola para todos”, precisamos de uma “escola onde todos aprendam”. Há quem se contente com o “sucesso parcial” de alguns, mas nós não, porque a aprendizagem de todos é a marca de água da escola pública e da liberdade.

Também há quem considere que a democracia deve parar à porta da escola. Mas não. A liberdade faz-se também de dinâmicas de presença e de participação. A escola tem de habituar as crianças, como queria António Sérgio, “à ação municipal, à própria vida da cidade, ao exercício dos futuros direitos de soberania e de auto-governo”.

A liberdade dos alunos e a liberdade dos professores. Neste dia, particularmente neste dia, quero prestar homenagem a dois professores notáveis, referências de liberdade no Liceu Nacional de Oeiras dos anos 60: o Prof. Luís Ardisson Pereira, de Filosofia, e o Prof. José Esteves, de Educação Física. Sem eles, sem o que eles e muitos outros professores me deram, sem a sua pedagogia, sem o seu exemplo, não seria quem sou e nada do que hoje aqui se passa teria tido lugar. Quero dedicar-lhes, por inteiro, o *Honoris Causa* que agora recebo das vossas mãos.

São muitas as facetas da liberdade, mas no centro está sempre uma inquietação, um desassossego, uma procura, que é, talvez, o que melhor define a minha história, com todas as suas dúvidas e imperfeições. A verdadeira viagem da descoberta não é encontrar terras novas, mas sim adquirir novos olhos, novas maneiras de olhar (Marcel Proust). É nesta procura que está a liberdade.

Conhecimento

No caso da universidade, esta procura tem um segundo nome, que agora quero partilhar convosco: chama-se conhecimento.

Claro que há muitas formas de conhecimento e que seria um disparate tentar aqui, em breves minutos, um qualquer ensaio sobre o assunto. Mas permitam-me, uma vez mais, que cruze a minha vida com três desdobramentos da palavra, todos começados por C – criação, cultura e ciência.

A minha formação, híbrida, incomum, fez-se em três momentos: primeiro nas Artes (através do teatro), depois na Educação (na Universidade de Genebra), finalmente em História (na Universidade de Paris IV-Sorbonne).

Das Artes, retenho a dimensão da **criação**, decisiva para uma universidade que não é mera repetição, “sebenteira”, que é capaz de ser invenção e de estar presente nos debates contemporâneos.

Da Educação, guardo o conhecimento como **cultura**, tudo aquilo que nos une ao nosso “elemento” e tudo aquilo que nos permite “sair de nós” para ler e ouvir outros mundos. A pedagogia ou é cultura ou nada é.

Da História, quero registar, sobretudo, o conhecimento como **ciência**, e como ciência plural, reconhecendo a necessidade de ligar distintas tradições e maneiras de pensar o mundo: “O matemático conhecerá melhor o mundo, e mesmo a sua própria linguagem, se se abrir à física, o físico conhecerá melhor as coisas, e mesmo o seu próprio repertório, se chegar à técnica, o técnico se aprender o artesanato e o artesão se aceder à obra de arte” (Michel Serres).

No acto que hoje se celebra, sei que estou acompanhado por dois universitários extraordinários, homens da criação, da cultura e da ciência, que tiveram um papel decisivo na minha formação: os Professores Daniel Hameline e Pierre Furter. Quero deixar-lhes, também a eles, o meu profundo reconhecimento e admiração.

O que me interessa sublinhar é a forma como o conhecimento é a base da liberdade, de uma razão ilimitada, da procura “descomprometida”, liberta de “dogmas, inquisições e fundamentalismos”, de “poderes políticos, financeiros e sociais” (António Coutinho).

Mas este “descomprometimento” não pode ser nunca ausência de compromisso. Bem pelo contrário. É o assumir de um compromisso maior, de uma responsabilidade que vai muito para além da universidade.

Compromisso

É disso que vos quero agora falar, na minha terceira palavra, compromisso, que introduzo com uma provocação do pintor surrealista Cruzeiro Seixas, também ele figura importante na minha vida:

“Se ainda estamos num mundo de irresponsáveis, parece-me legítimo procurar quem ou qual instituição é responsável pelo estado calamitoso do mundo actual. Assumo a responsabilidade de responsabilizar a Universidade, por onde passa uma grande parte dos que detêm o poder”.

Vivemos uma fase de grandes mudanças e transições no espaço académico, no ensino e na investigação. Nunca, na sua longa história, as universidades tiveram um papel tão decisivo como nos dias de hoje. O seu compromisso não é apenas no interior das fronteiras institucionais, é também, talvez mesmo sobretudo, no espaço público.

O conhecimento está na base das sociedades do século XXI, e dele dependem os processos de desenvolvimento e de inovação.

Precisamos de levar mais longe a educação superior dos jovens e de valorizar o seu trabalho, a sua presença na sociedade. Precisamos de afirmar a importância da ciência, na sua liberdade “descomprometida” e também nos seus múltiplos prolongamentos tecnológicos. Precisamos de ligar a universidade à sociedade, porque é nesta ligação que está o futuro de Portugal.

Não é pequena a nossa responsabilidade, mas temos de estar à altura de um tempo que nos pede para sermos maiores do que os problemas. O que conta não são os nossos limites, mas a força das muitas possibilidades que temos em nós.

Foi o que aprendi com dois reitores aqui presentes, o Prof. José Barata-Moura e o Prof. António Cruz Serra. Num e noutro, reconheço o melhor que existe na universidade e é este “melhor” que temos a obrigação de levar ao país. E é este “melhor” que hoje vejo e sinto na acção do Reitor António Branco.

* * *

Como professor, procurei sempre que o meu magistério fosse de liberdade. Como universitário, fiz sempre um esforço para valorizar as diferentes formas de conhecimento: a criação, a cultura, a ciência. Como reitor, tentei que a universidade fosse “cidade” e se cumprisse para além dos seus muros.

Conheço bem os meus limites (melhor dizendo, as minhas limitações), mas nunca deixei que fossem desculpa para me acomodar. Nos outros (nos amigos, nos colegas, nos alunos, nas equipas de trabalho, nas instituições) fui sempre encontrando o pedaço que me faltava, o que me completou ao longo da vida e me permitiu fazer caminho que, sem eles, jamais teria feito.

Olho sempre para o que ainda me falta fazer, para o que ainda nos falta fazer. E é com esse olhar que hoje recebo este Honoris Causa.

Quero estar convosco, fazer convosco o que ainda nos falta fazer.

Quero estar convosco, fazer parte desta universidade que, agora, também é minha.

Quero ser capaz de estar à altura desta honra, que recebo com emoção, com um imenso agradecimento a toda a Universidade do Algarve.

Hoje, começa uma nova ligação na minha vida. Entrego-me a esta universidade, com as energias que tenho e que ponho ao vosso serviço, porque na vossa acção, na acção da universidade, está grande parte do nosso futuro, do futuro de Portugal.